

7ª SESSÃO CULTURAL CONJUNTA ICEA - ACADEMIA DE MARINHA

28 de Maio de 2011

Elogio do novo Associado de Mérito do ICEA, a Marinha Portuguesa, representada pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, Senhor Alm. José Carlos Saldanha Lopes, pelo Presidente do Conselho Superior do ICEA, Dr. João Abel da Fonseca

Coube-me, por nomeação da Direcção do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, na qualidade de Presidente do seu Conselho Superior, fazer o Elogio do novo Associado de Mérito, a Marinha Portuguesa, aqui representada pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada, Senhor Almirante José Carlos Saldanha Lopes, que respeitosa e gratamente saúdo.

O ICEA está sediado na Ericeira, vila marítima de ancestrais tradições de homens do Mar, já referidos na sua primeira Carta de Foral de 1229, tão-só cinquenta anos decorridos sobre a conhecida bula *Manifestis probatum*, a atestar a importância do porto e do povoado da Ordem de Avis, que outorgou aquela. O núcleo fundacional do Instituto, e que persiste como organismo autónomo, foi o Círculo Mar de Letras, onde nomes de eruditos locais, como José Caré Júnior e Joaquim Marrão, desde logo atestam uma presença substantiva do Mar.

Um dos nossos fundadores, e Presidente de Honra, é o Senhor Professor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, membro honorário e emérito da Academia de Marinha. O douto académico, que na Faculdade de Letras de Lisboa fundou o Mestrado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, promoveu o estudo da História Marítima, anos antes iniciado pela Senhora Professora Doutora Virgínia Rau, quiçá a mãe-fundadora da Academia de Marinha, desde o seu embrião, o Grupo de Estudos de História Marítima, a que sucedeu o Centro de Estudos de Marinha, onde foi a primeira Presidente da Classe respectiva. E, como esquecer, também, na lista de fundadores, o Senhor Comandante Luís Reis Ágoas, primeiro e actual Presidente do Conselho Consultivo do ICEA?

No desenvolvimento da sua actividade cultural, evidenciada no próprio nome, a vocação atlântica traduziu, logo à partida, o rumo definido. E foi na prossecução desse desiderato primacial que encontrámos, como parceiro sempre presente, e prontamente disponível, a colaboração da Marinha Portuguesa, consubstanciada na vontade de homens que a serviram e a servem. Permitam-me que destaque os nomes dos nossos

associados efectivos, os Senhores Alm. Bastos Saldanha e Comdte. Malhão Pereira. A ingratiidão é, porventura, o mais horrendo de todos os pecados, escreveu um dia Voltaire, e nem a presença no grupo dos nossos fundadores, do actual bispo do Porto, o Senhor D. Manuel Clemente, nos livraria, pelo menos, de uma pesada penitência.

Mas importa sublinhar três outros nomes que ocuparam e ocupa a Presidência da Academia de Marinha, tais foram os Senhores Almirantes Rogério d'Oliveira e Emílio Ferraz Sacchetti, que Deus guarde, e agora o Senhor Almirante Nuno Vieira Matias. O protocolo celebrado entre o ICEA e a AM, desde muito cedo, na puerícia do nosso Instituto, foi uma poderosa alavanca para as mais diversas iniciativas partilhadas. Impõe-se ainda registar o empenho dedicado à redacção daquele texto, por parte do Senhor Comdte. Cyrne de Castro, em conjunto com o Senhor Cor. Ferreira Durão.

A presença do Mar nas inúmeras sessões culturais do ICEA, representa, *grosso modo*, cerca de 42%, por entre as mais diversas áreas do conhecimento afim. Destacarei, para além das 7 sessões conjuntas com a Academia de Marinha, 4 outras com a Sociedade de Geografia de Lisboa, 2 com a Academia Portuguesa da História, a par de 3 Cursos de Verão da Ericeira, entre os quais se integra hoje o Prólogo do XIIIº, intitulado “O Mar que nos une. Reflexões sobre o Mar no futuro de Portugal”, com direcção científica partilhada entre o ICEA e a AM. Verifico, contudo, com especial agrado, que por entre a vasta panóplia de itens apontados, ainda recentemente, pelo Senhor Doutor Tiago Pitta e Cunha, em notável conferência no Instituto D. João de Castro, da douta Direcção do Senhor Alm. Rebelo Duarte, que também saúdo vivamente, todos eles aqui têm sido debatidos, tais como:

- A investigação científica na área do Mar, em todas as suas vertentes;
- Os casos da alimentação (pescas e aquacultura) e do turismo na zona costeira;
- Os problemas ambientais no mar e nas regiões ribeirinhas (carbono azul);
- As políticas de gestão portuária e dos transportes marítimos;
- As energias renováveis ligadas ao mar (eólica/offshore, ondas e marés) e
- A prospecção dos variados recursos da Plataforma, a par de toda a necessária dinamização do espaço, atentos à sua extensão e face aos problemas da poluição, da segurança e da vigilância/defesa.

O tempo já vai longo, mas não posso deixar de realçar, ainda, o devotadíssimo empenho que sempre colhemos na pessoa do Senhor Professor Doutor Adriano Moreira, membro honorário de ambas as Instituições. Aproveitamos para publicamente o felicitar, associando-nos à homenagem que se traduziu na atribuição do Prémio Aboim Sande Lemos, de Identidade Portuguesa, pela Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Impossível seria na Razão encontrar maior Justiça. E, tudo isto, porque desde a primeira hora nos tem apoiado, proferindo lições em sessões

inaugurais e de encerramento dos cursos de verão, numa sessão conjunta com a SGL, também com o Senhor Almirante Vieira Matias, sobre o Tratado de Lisboa, e numa Conferência do Casino sobre o Acordo/Desacordo Ortográfico. E hoje, uma vez mais, o escutámos encantados, a falar sobre essas duas janelas de Liberdade: a Língua e o Mar. Língua que não se cansa de proclamar que não é nossa, também é nossa. Quanto ao Mar, nossa Identidade e garante da nossa soberania desde a Fundação da Nacionalidade para também pelo seu pensamento, podermos perceber que nenhuma Cultura pode receber o Passado só a benefício de inventário. É nesta linha de pensamento que nos incentiva a levar à prática os ensinamentos do expoente máximo da parentética nacional, o Pe. António Vieira, que o douto académico citou, ainda muito recentemente, numa das suas consagradas crónicas semanais. Relembre-se hoje e aqui aquele Sermão de Quarta-feira de Cinzas, proferido em Roma, em que o excelso Jesuíta exortava a que se preocupassem com o Presente, sem qualquer receio, porque era o mesmo Presente, a seu tempo, o Futuro do Passado e o Passado do Futuro.

O ano de 2011 foi consagrado Ano Europeu do Voluntariado e da Cidadania Activa, e que exemplo maior podemos ter senão o das nossas Academias e Instituições afins, que recentemente se uniram no Conselho das Academias Portuguesas, com Protocolo de Parceria a um Conselho das Academias de Língua Portuguesa, e onde nesta sala se encontram quatro dos máximos representantes das respectivas casas. Permita-se-me, aproveitando a privilegiada oportunidade, que o Instituto de Cultura Europeia e Atlântica solicite o estatuto de «observador» neste recém criado organismo, se tal tiver viabilidade legal.

Vou terminar saudando também os três outros novos Associados Honorários recipiendários, seguindo Séneca, no seu *De beneficiis*, ou até preferivelmente, o Infante D. Pedro, no seu *Tratado da Virtuosa Benfeitoria*: “[...] sabemos alguma coisa, quando conhecemos o seu fazedor e a fim para que elle fez tal obra [...] beneffiçio he bem feyto a outrem com entençom de lhe prestar” (Livro I, cap. xij). Acolhemos Vossas Excelências no lugar que vos é devido – o Conselho Superior do nosso Instituto, que assim contará com a prestigiada presença da Senhora Professora Doutora Manuela Mendonça, do Senhor Professor Engenheiro Luís Aires-Barros e do Senhor Almirante Nuno Vieira Matias.

Aqui, nesta vila de que foi Senhor, de Mafra e da Ericeira, D. Álvaro Dias de Sousa, cunhado d’el-rei D. Fernando I, e seu filho, D. Lopo de Sousa, Mestre da Ordem de Cristo, cunhado também aquele do 1º almirante de Portugal, D. João Afonso Telo, depois da linhagem dos Pessanhas, em 1375, temos a Memória e a História a erguerem em louvor o Amor à Pátria.

Exaltemos assim a Marinha Portuguesa, e exaltando o Mar exaltemos Portugal,
também pela pena do nosso imortal épico:

“[...]

De África tem marítimos assentos;

É na Ásia mais que todas soberana;

Na quarta parte nova os campos ara,

E se mais mundo houvera, lá chegara.”

Lus., VII, 14.